

A black and white photograph of a woman with short, curly hair, wearing a dark turtleneck sweater. She is leaning against a stone wall and looking down with a slight smile. The background is a blurred outdoor setting.

Uma voz de muitas vozes

Uma das intérpretes **mais respeitadas do jazz contemporâneo**, Stacey Kent apresenta o álbum "A Time For Love", projeto que **revisitar clássicos de várias tradições musicais e idiomas**, incluindo uma versão de 'Carinhoso', de **Pixinguinha**. Página 2

ENTREVISTA | STACEY KENT

CANTORA

‘Não consigo cantar numa língua que não compreendo’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Tem disco novo de Stacey Kent, rouxinol do jazz contemporâneo, na praça: “A Time For Love”. O álbum reafirma sua assinatura artística ao revisitar clássicos como “Carinhoso”, que ela canta num português melífluo, fiel a seu estudo de diferentes línguas – algumas bem distantes de seu inglês natal. Vinda de South Orange, em Nova Jersey, a americana de 61 anos vive de seu aveludado gogó desde a década de 1990, quando gravou seu primeiro CD, “Close Your Eyes”, em 1997.

De lá para cá, suas bolachas venderam 2 milhões de cópias e contabilizaram centenas de milhões de streams, além de ter conquistado uma indicação ao Grammy. Seu catálogo inclui trabalhos marcantes como “Breakfast On The Morning Tram”. Pela estrada musical afora, ela teve entre seus colaboradores Marcos Valle, Roberto Menescal, Danilo Caymmi e o escritor vencedor do Nobel Kazuo Ishiguro.

Em “A Time For Love”, ela contou com a direção musical do saxofonista Jim Tomlinson, seu parceiro de vida e de criação, além do pianista Art Hirahara. O resultado é um exercício de leveza que celebrar a força do benquerer. Uma das conquistas da artista é colaborar para a expansão da presença das mulheres no timão da criação artística. “Fico feliz por ver mulheres em lugares que antes eram apenas dos homens. Podemos olhar para isso com esperança, mas ainda há um caminho a percorrer”, diz Stacey, que, neste papo com o Correio da Manhã fala de sua intimidade com a Flor do Lácio, dominando a língua portuguesa com capricho gramatical.

Com esse português perfeito que você tem, o que te atrai na canção “Carinhoso”?

Stacey Kent - “Carinhoso” trata de uma pessoa que fala com um amor que não existe, que não está lá. Gosto de canções que falam do “eu”. Não me lembro quando eu a ouvi pela primeira vez, mas, provavelmente, fiquei com a versão de João Gilberto, sozinho com violão. Quando eu estava estudando a língua portuguesa na universidade, além mergulhar na gramática de vocês, eu fui conhecer sua música. Ao ouvir “Carinhoso”, disse para mim mesma: tenho que encarar essa canção, ela é a minha canção.

Como constrói o repertório de um disco como “A Time For Love”?

Desde sempre, tenho meu iPhone comigo e estou sempre criando listas de músicas. Em qualquer lugar é assim. Posso até estar numa montanha e faço isso. De repente, penso numa canção que temos de cantar, e a anoto. É bem fácil para mim, porque o mundo é muito rico com canções maravilhosas. Eu não escolho de forma programática. Não penso “ah, vou escolher uma canção da Itália; outra, de Portugal; outra, do Brasil”. Eu procuro as canções que me tocam, e isso também vem do fato de eu falar outras línguas.

Considero essencial compreender a poesia do que canto, para além da melodia. Não consigo cantar numa língua que não compreendo. Cada palavra, cada nota, cada silêncio contam. Minha mãe era professora de Literatura. Em casa, líamos em voz alta quase todas as noites. Descobri muito cedo a minha própria voz, a partir da leitura. Descobri cedo também que a mesma história muda conforme quem a conta. E hoje, no palco, posso cantar qualquer coisa que me soe bem. Será uma reinterpretação... minha.

Há algo na língua portuguesa ou na canção brasileira/portuguesa que ainda não explorou, mas já está em seu radar?

Como disse Vinicius de Moraes, “a vida é a arte do encontro”. Eu gosto de deixar as coisas acontecerem naturalmente. Tudo está aberto para mim. Quem vou encontrar pelo mundo pode mudar o meu caminho. Encontrei o escritor Kazuo Ishiguro pelo acaso, e ele mudou tudo no meu trabalho, escrevendo canções para mim. Músicos como Danilo Caymmi, Marcos Valle, Roberto Menescal foram grandes encontros.

E qual o papel do teu companheiro, Jim Tomlinson, na criação musical?

Sem Jim Tomlinson, não sei o



Sara Pettinella/Divulgação

“Como disse Vinicius de Moraes, a vida é a arte do encontro. E eu gosto de deixar as coisas acontecerem naturalmente. Tudo está aberto para mim. Quem vou encontrar pelo mundo pode mudar o meu caminho”

que aconteceria na minha vida. A gente se conheceu quando ainda éramos muito jovens. Ele tem uma inteligência fora do comum, um coração enorme. Ela me inspira muito. Quando criamos música, travamos um diálogo. Nem sempre concordamos, claro, mas queremos encontrar juntos uma forma de apresentar ideias. A troca é essencial. Também trabalho há cerca de 20 anos com o pianista Art Hirahara. Entre nós, há uma química criativa muito forte.

Como você avalia o estado atual do jazz?

Não penso muito em gêneros musicais, pois eu me deixo comover com o que escuto. Apesar disso, é fato: o mundo do jazz é muito maior do que as pessoas pensam. Muitas vezes, as pessoas nem percebem que aquilo que está tocando a seu redor é jazz. Ele está em todo o lado: no cinema, nos videogames, em espaços públicos. Na minha relação com o ritmo, tocar ao vivo é o mais importante. Eu canto sempre... mesmo em casa, na cozinha. No palco, contudo, rola outra coisa: um senso de comunidade. É uma forma de partilhar histórias humanas. Não penso

muito em gêneros.

A tua música fala muito de amor, mas vivemos tempos difíceis. Qual é a dimensão política da sua arte, do seu repertório?

Como dizia o maestro e compositor Leonard Bernstein: “quanto pior o mundo fica, mais precisamos de criar música”. É um ecossistema emocional. Temos de criar amor, ternura, comunidade. Foi por isso que dei ao disco o título “A Time for Love”. O mundo é bonito, mesmo com tudo o que acontece.

Perguntas em vez de respostas



U2 lança o EP 'Easter Lily' com reflexões sobre amizade, perda e renovação

AFFONSO NUNES

O U2 surpreendeu fãs na sexta-feira santa com o lançamento de "Easter Lily", seu segundo EP em seis semanas. Após "Days of Ash", divulgado na quarta de cinzas, a banda volta com seis canções introspectivas enquanto continua as sessões de gravação de um novo álbum de estúdio. As faixas estão disponíveis em plataformas de streaming, acompanhadas de videoclipes com as letras.

A sequência dos dois EPs revela uma banda em sintonia com seu tempo. Se "Days of Ash" respondeu ao caos global com urgência, "Easter Lily" oferece um contraponto: um espaço de introspecção onde temas como amizade, perda, esperança e



O quarteto irlandês U2 lança o segundo EP em menos de um mês enquanto prepara seu novo álbum de estúdio

renovação ganham profundidade.

O EP abre com "Song for Hal", um lamento sobre o isolamento vivido durante a pandemia de Covid-19, com The Edge nos vocais principais. A canção foi composta em homenagem ao produtor musical Hal Willner, que faleceu em

abril de 2020 aos 64 anos. Willner trabalhou com U2 em diversos projetos ao longo das décadas e completaria 70 anos na segunda-feira de Páscoa.

"In a Life" celebra a amizade em forma pura, enquanto "Scars" oferece uma mensagem de encorajamento: a aceitação das cicatrizes que carregamos. "Resurrection Song" propõe uma jornada de carro rumo ao desconhecido, explorando a pe-

reginação como metáfora de transformação. "Easter Parade" celebra o renascimento. "Coexist (I Will Bless The Lord At All Times?)" — com paisagem sonora assinada por Brian Eno — oferece uma canção de ninar para pais cujos filhos vivem sob o peso da guerra.

Em nota aos fãs, Bono descreveu o projeto como resultado de uma busca por um som "barulhento, bagunçado e irracionalmente co-

lorido" — uma definição que captura a energia do rock and roll como ato de resistência. Ele menciona estar em "anos de deserto" e reflete sobre questões que permeiam o trabalho: relacionamentos à altura dos tempos desafiadores, a luta pela amizade, a possibilidade de fé em um mundo distorcido por algoritmos. O vocalista cita o álbum "Easter" de Patti Smith (1978) como inspiração direta, uma homenagem que situa o trabalho em linhagem de artistas que buscaram esperança em momentos de incerteza.

"Easter Lily" não oferece respostas fáceis, mas formula perguntas. Em momento de fragmentação cultural e crise de significados, a banda retorna ao essencial: relacionamentos, rituais, renovação — uma ancoragem em tempos turbulentos.

O lançamento vem acompanhado de edição especial da revista digital "Propaganda", que completou 40 anos. A edição traz contribuições dos quatro membros da banda: textos de The Edge, artigo de Adam Clayton sobre arte e recuperação, conversa entre Bono e o frade franciscano Richard Rohr, e fotografias do estúdio por Larry Mullen Jr. A revista também apresenta análise sobre o produtor Jackknife Lee e perfil de Hal Willner.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES



Divulgação

No embalo do boi

O cantor e compositor Letto lançou "Levanta Meu Boi", single que mistura influências da cultura nortista e nordestina. A faixa antecede a apresentação junina do Projeto Girô, iniciativa que cria ambientes de conexão com o corpo através da dança, música, poesia e arte. Letto cantou e tocou curimbós, violão, banjo e mineiro, contando com músicos como Luiz de Urjaiss na caixa e pratos, Karine Curty na flauta transversal e Conceição Carlos na pandeirão. A música foi testada no repertório de shows do artista antes da gravação.



Izac Fedotti/Divulgação

Um megulho na noite

Chameleo acaba de lançar "Curvas", single que explora o impulso de atravessar cidades para viver encontros inevitáveis. Composta por Vivian Kuczynski, Pedro Bom e Gabriela Grafolin, a faixa mistura pop com influências de rock e indie. Produzida por Vivian Kuczynski, a canção carrega uma sonoridade que acompanha a narrativa de movimento e ansiedade. Segundo o cantor, a música "nasce de um lugar muito honesto", explorando "essa busca constante que a gente vive hoje". O single marca mais um capítulo da narrativa emocional do artista.



Ricardo Brunini/Divulgação

Em versão pagode

O grupo Di Propósito apresenta sua versão para o hit "Nocaute", dos sertanejos Jorge & Mateus, em releitura no ritmo do pagode. A faixa integra o projeto "Feliz no Simples". Segundo Kayky, vocalista do grupo, "trazer 'Nocaute' para o universo do pagode foi um desafio muito especial" e a ideia foi "respeitar a essência desse sucesso, mas ao mesmo tempo dar a cara do Di Propósito". Formado por Kayky, Laycon, Gegê, Xandy, Pedrinho, Matheuzinho e Acerola, o grupo conta com 3 milhões de ouvintes mensais somente no Spotify.

'Stand-up dramedy' de um craque

Casagrande emplaca um gol de emoção na maior maratona teatral do país em espetáculo no qual revive suas glórias nos gramados e sua luta contra as drogas



Ronaldo Gutierrez/Divulgação

Casagrande faz uma espécie de stand up dramedy de si mesmo em 'Na Marca do Pênalti'

“Minha relação com o teatro sempre foi de ser público, apenas, mas a opção de subir em um palco, para contar a minha vida, era tentadora. Sou viciado em adrenalina, afinal, eu sou um esportista”



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Falta uma semana para o aniversário de Walter Casagrande Júnior. No próximo dia 15, o ex-jogador que foi ídolo no Corinthians e jogou pelo mundo afora chega aos 63 anos. O aplauso que arrancou... várias vezes... em suas aparições

no 34º Festival de Curitiba, jogando não mais como artilheiro, mas, sim, noutra posição – a de astro do palco do Guairão, casa de espetáculos também GG do Paraná -, funcionou como “parabéns!” antecipado para o craque. Ele frisou em vários momentos da encenação de “Na Marca do

Pênalti”: “Não sou ator. Não tem roteiro. O que vocês vão ouvir aqui é o que sair da minha cabeça”.

Apesar do aviso dele, o que se viu em cena foi uma modalidade teatral - das mais contagiantes - no diálogo frontal com o público: stand-up. No caso, o que

o ex-atleta e hoje comentarista Casão faz é uma stand-up dramedy. O drama vem de seu relato sobre as drogas, numa descida ao Inferno radical, e a comédia se faz viva em suas recordações de picardias como pedir a um torcedor uma camisa emprestada para presentear a cantora Rita Lee

WALTER CASAGRANDE JR

(1947-2023), cumprindo uma promessa.

Sob a direção de Fernando Philbert (um dos mais prolíficos encenadores do Brasil), Casagrande lembra que prometeu um mimo à cantora, que foi vê-lo no estádio. Como esqueceu de levar para ela o uniforme com que iria presentear-la, recorreu a um entusiasta da torcida corinthiana.

“Minha relação com o teatro sempre foi de ser público, apenas, mas a opção de subir em um palco, para contar a minha vida, era tentadora. Sou viciado em adrenalina, afinal, eu sou um esportista”, diz Casagrande ao Correio da Manhã, rindo ao ser chamado de “amigo imaginário” da claque de fãs de sua coluna no portal Uol. “Eu tenho vários ‘amigos imaginários’ também, que estão nessas recordações, nas imagens que a peça mostra. (O jogador) Sócrates foi um deles. O Magrão foi a primeira pessoa na vida a quem eu disse ‘eu te amo’, pelo tanto que o admirava. Não conseguia dizer isso nem, para os amores que eu tive, e para minha ex. Ao longo da vida, eu guardei muita coisa. Deixei de falar muita coisa. Agora, depois de um ano de internação pela dependência química e de muita terapia, já consigo botar as coisas para fora”.

Alguns dos lances mais brilhantes da carreira profissional de Casagrande nos gramados são lembrados numa tapeçaria de imagens que cobrem seus relatos em “Na Marca do Pênalti”. O stand-up vai circular o país, pós-Curitiba, depois da Copa do Mundo, onde a sabedoria de seu intérprete vai ajudar o Brasil a entender os passes de nossa seleção e de seus adversários.

“A ideia por trás desse título, ‘Na Marca do Pênalti’, é falar de escolhas. Existem pênaltis que têm consequências para a vida toda, assim como certas decisões que tomamos”, disse o desportista, que foi tema do obrigatório documentário “Casão, Num Jogo Sem Regras”, feito por Susanna Lira para o Globoplay.

Crônica **certeira do cotidiano** com CEP do DF

Terça-feira é dia do Distrito Federal brilhar nos palcos curitibanos com “Atrás das Paredes”, um texto de Santiago Serrano, com direção de Sérgio Sartório, que promete humor assegurando para si um caminho de excelência na escalação de dois talentos da capital federal: Chico Sant’Anna e André Deca. Sua trama se pauta em situações corriqueiras do dia a dia.

Num domingo, uma família se prepara para o almoço. Flora, resolve fazer uma surpresa e convida um clã vizinho para celebrar um aniversário. Aos poucos, o que estava submerso pelas aparências vai



Alexandre Magno/Divulgação

Daniela Vasconcelos é um destaque do espetáculo 'Atrás das Paredes', do DF

sendo revelado. O público é um convidado invisível desse almoço, que expõe, a cada garfada, a personalidade, os desejos e os delírios de cada um. Daniela Vasconcelos é um dos destaques num elenco que há de surpreender plateias com a crônica do cotidiano.

Um dos maiores acertos da curadoria de Curitiba se deu na quinta passada, no Teatro Cleon Jacques, com a passagem triunfante de “Vinte!”. O projeto é idealizado por Tainah Longras, que integra o elenco e se divide na criação da dramaturgia com Maurício Lima. O espetáculo se baseia na reivindi-

cação ficcional da memória dos movimentos artísticos negros dos anos 1920 no Brasil. A partir de uma crítica à peça “Tudo Preto” (1926), da Companhia Negra de Revistas, esse exercício de História (e de combate decolonial) constrói uma relação poética com a cidade do Rio de Janeiro, com as artes e com o tempo, numa perspectiva negra e contemporânea. Tainah divide a cena com AfroFlor, Felipe Oládélé e Muato e Tainah Longras. A interlocução de direção se deu com a bamba Ana Kfourri.

O 34º Festival de Curitiba segue até o dia 12. (R.F.)

'A Máquina' volta a girar

Espectáculo de João Falcão que revelou Wagner Moura, Lázaro Ramos, Vladimir Brichta e Gustavo Falcão em 2000 volta aos palcos, com novo elenco e novas ambições estéticas



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Nordestina virou "O" point do Brasil... nas artes cênicas... em 2000, quando sua geografia de erosões, desamparos, devaneios e invenções foi apresentada ao país na peça "A Máquina", que partia de escritos de Adriana Falcão para revelar ao mundo uma nova geração de talentos. Um deles, nascido na cidade de Rodelas (BA), ganhou o Globo de Ouro de Hollywood, há três meses, e conquistou uma indicação ao Oscar: Wagner Moura, de "O Agente Secreto".

Foi sob a direção de João Falcão, que ele apareceu... atuando no Armazém 14, no Porto do Recife, ao lado dois outros baianos que viariam a se tornar ilustres. Um deles, Lázaro Ramos, ganhou os holofotes de Cannes, em 2002, por sua arrebatadora atuação em "Madame Satã", e se fez consagrar como escritor best-seller, ativista do combate decolonial e cineasta (com "Medida Provisória"). O Outro, Vladimir Brichta, é galã nas novelas da Globo, ganhou prêmio por sua genial atuação no filme "Bingo" e hoje brilha



Flora Negri/Divulgação



Divulgação

'A Nova Versão de A Máquina' relê o clássico que revelou Wagner Moura, Lázaro Ramos, Vladimir Brichta e Gustavo Falcão

Imagem da montagem original de 'A Máquina'

nas telonas em "Velhos Bandidos". Vindo de Pernambuco, Gustavo Falcão, o quarto divo dessa trupe, colecionou aplausos nas peças que estrelou e fundou o projeto cultural lunático, no Rio. Passado um quarto de século desse acontecimento teatral, Gustavo volta a unir forças com João Falcão, seu tio, a fim de jogar luz sobre um outro coletivo

de estrelas, numa nova fricção de sua encantada "A Máquina", levada com sucesso ao Festival de Curitiba, no último fim de semana. Agnes Brichta, filha de Vladimir, que era menininha na montagem original, está em cena agora.

"Esse texto fala muito de Tempo e parte do Nordeste, que é a mistura de tudo o que a gente tem neste

país: é negro, é indígena, é europeu. O Nordeste é onde eu bebo para me inspirar, é para onde sempre volto", disse João Falcão ao Correio da Manhã, nas sempre lotadas coletivas do Festival de Curitiba.

Foi ele quem dirigiu a versão cinematográfica de "A Máquina", produzida por Diler Trindade e premiada com a láurea de júri popular

no Festival do Rio de 2005. Há 20 anos cravados, o longa entrou em cartaz, trazendo os quatro intérpretes originais, mais Mariana Ximenes e Paulo Autran (1922-2007), com canção original de Chico Buarque em sua trilha sonora. Gustavo era o protagonista dessa adaptação. Agora, divide com João a criação do regresso de uma narrativa de cunho fabular, promovendo uma novíssima geração de estrelas.

"É bonito ver que essa nova turma tem as mesmas dúvidas que a gente tinha", diz Gustavo.

No enredo de "A Máquina", o jovem sertanejo Antônio constrói, num ferro-velho, uma espécie de engenhoca capaz de viajar para o futuro. Com ela, busca evitar que sua amada Karina, doida para conhecer o mundo, abandone a cidade de Nordestina, onde vivem. Nada acontece por lá, de praxe. Cabe a Antônio fazer acontecer. Na encenação dos anos 2000, personagem feminina que faz o coração de Antônio acelerar foi confiada à atriz Karina Falcão. Agora, a tarefa ficou para Agnes Brichta.

Os Antônio eram quatro... Gustavo, Lázinho, Waguinho e Vladimir. A conta segue a mesma na montagem vista em Curitiba, mas o quarteto atual é composto por Alexandre Ammano, Bruno Rocha, Marcos Oli e Vitor Britto, que formam o Coletivo Ocutá. "A ideia de futuro mudou muito, da peça original para cá, sobretudo com a inteligência artificial e as demais expansões da cultura digital", disse João Falcão. "Nosso cuidado nessa nova montagem era não deixar que o amanhã parecesse uma coisa de época".

'Azul' é a cor mais quente do teatro infantojuvenil

Qualquer espetáculo em que se ouça Ângela Maria (1929-2018) a cantarolar "Todos eles estão errados/ A lua é dos namorados" já avançou um longo caminho na conquista do coração do público, mesmo que faça parte da trilha de uma peça para crianças, como "Azul", sensação da mostra Guritiba. Esse é o nome da ala infantojuvenil do maior festival de teatro do país. No fim de semana, os bonecos criados pelo artista cênico Dante, com direção de movimento bolada



Divulgação

'Azul' refina a força lúdica do teatro de bonecos

por Marise Nogueira, fizeram da dramaturgia de Andrea Batitucci e Gustavo Bicalho uma febre em solo curitibano.

Na trama, dirigida por Bicalho e Henrique Gonçalves, Violeta, uma menina de 4 anos (que é representada por uma boneca), está ansiosa com a chegada de seu irmãozinho, batizado de Azul. De cara, ela fica frustrada com o fato de ele, ainda bebê, exigir atenção constante de sua mãe e de seu pai, encarnados com o uso de máscaras. No entan-

to, conforme o tempo passa e seu maninho passa de neném a menino, a garotinha percebe que ele demonstra ser diferente das outras crianças, com um comportamento mais introvertido, dificuldade em desenvolver a fala e hiperfoco em alguns objetos. Violeta tenta encontrar meios de interagir com o irmão, descobrindo que a música cria uma ponte de conexão entre eles e que o tempo, tem um papel ainda mais relevante em suas histórias, tocadas pelo autismo. (R. F.)

CORREIO CULTURAL



Fachada do Futuros - Arte e Tecnologia, no Flamengo

Aberta chamada pública no Futuros

O Futuros – Arte e Tecnologia (antigo Oi Futuro), no Flamengo, abriu chamada pública para selecionar até 30 projetos artísticos de todas as regiões do Brasil. Em parceria com a Petrobras Cultural, a iniciativa Brasilidades & Futuros receberá inscrições até 20 de maio para compor a programação entre 2026/2027 do espaço.

Serão aceitos trabalhos das artes cênicas, visuais e músi-

ca, com prioridade para produções experimentais e linguagens híbridas.

Os projetos selecionados serão contratados diretamente — projetos de artes cênicas e performáticas recebem até R\$ 170 mil para 12 apresentações; artes visuais, de R\$ 100 a R\$ 300 mil por até 45 dias; e música, até R\$ 50 mil para festival. As inscrições são gratuitas pelo site www.brasilidadesefuturos.futuros.org.br.

Estreia antecipada

Um dos filmes mais esperados do ano, “O Diabo Veste Prada 2”, estrelado por Meryl Streep e Anne Hathaway, terá sessões antecipadas nas salas da UCI a partir do dia 29 de abril. As duas vencedoras do Oscar retornam às telonas como Miranda Priestly e Andy Sachs 20 anos após o lançamento do primeiro filme, que se tornou um clássico dos anos 2000. Os ingressos para as sessões poderão ser adquiridos antecipadamente na pré-venda a partir desta quinta (9) através do site da UCI, nas bilheterias e nos terminais de autoatendimento.

Viva Paulo Gustavo!

O Festival de Cinema Brasileiro de Paris vai reunir artistas e personalidades brasileiras e francesas num dos momentos mais marcantes de sua 28ª edição: o Tributo a Paulo Gustavo (1978-2021), o comediante cuja obra conquistou públicos no Brasil e no exterior.

Viva Paulo Gustavo! II

No domingo (12), o artista será celebrado com um vídeo-homenagem inédito produzido pela Globo Filmes e com a exibição de “Minha Mãe é uma Peça 3”, de Susana Garcia, que teve enorme impacto na cultura popular ao transformar Dona Hermínia em fenômeno nacional

Precisamos falar de felicidade

Em um país onde 79% das pessoas se declaram felizes, mas apenas cerca de 1/3 afirma estar satisfeito com a própria qualidade de vida, segundo levantamento da Ipsos, dis. É nesse contexto — e a partir das reflexões do livro “Feliz Por Nada” — que o Clube de Leitura CCBB 2026 recebe nesta quarta (8), às 17h30, a escritora e cronista Martha Medeiros.



Divulgação

Racismo ambiental e êxodo rural

Espectáculo da Cia Atores da Fábrica, ‘Sertão Urbano’ traz a saga de uma menina que cruza cidade degradada em busca de uma planta medicinal

Laura tem 10 anos, vive com a avó na Baixada Fluminense e precisa encontrar uma planta medicinal capaz de salvá-la. O caminho até lá passa por uma cidade atravessada por alagamentos, desigualdades e encontros que transformam. Essa é a narrativa do espetáculo infanto-juvenil “Sertão Urbano”, em cartaz no Teatro Municipal Ruth de Souza, em Santa Teresa.

A montagem, da Cia Atores da Fábrica, propõe uma reflexão sobre as tensões entre o sertão e a metrópole, o rural e o urbano, a tradição e a modernidade. Conduzida por cinco atores — Ana Portela, Letícia Esteves, Liv Olivier, Le Felipe e Iza Pereira — a narrativa é musicada: os intérpretes cantam e tocam instrumentos em cena, criando um impacto que funciona tanto para o público infantil quanto para adultos.

A história começa quando Dona Carmem, avó de Laura, adoece e precisa de um remédio feito do sumo da planta Favela. Quando uma chuva de granizo alaga a cidade e interrompe o trajeto do ônibus em que está, Laura decide seguir a pé pelas ruas inundadas. No caminho, encontra personagens que transformam a dureza da vida em poesia: Neco Batuque, catador que faz música do lixo; Bianca Doçura, cordelista; Manu Polivalente; e Dona Guiné, guardiã de saberes ancestrais. Cada encontro marca a jornada da menina.

A obra estabelece um vínculo direto com a ancestralidade nordestina de Laura e com o impacto que o êxodo rural ainda exerce sobre as famílias brasileiras. O cenário escolhido — a Baixada Fluminense — é historicamente marcado pela migração nordestina e pelas enchentes que fazem parte do cotidiano. Segundo Alexandre O. Gomes, criador e encenador, o espetáculo emerge de uma investigação que tensiona a relação entre o sertão e o espaço urbano. “A gente passou a enxergar



Gabriela Magalhães/Divulgação

‘Sertão Urbano’ revela a resiliência dos migrantes nordestinos nos centros urbanos

“A gente passou a enxergar esse território como um outro tipo de sertão, um sertão urbano, que vai além do literal e também diz respeito ao sertão que existe em cada um de nós, que resiste e se reinventa”

ALEXANDRE GOMES

esse território como um outro tipo de sertão, um sertão urbano, que vai além do literal e também diz respeito ao sertão que existe em cada um de nós, que resiste e se reinventa”, reflete.

Um dos elementos centrais da peça é a resignificação da favela. Historicamente estigmatizada como lugar de perigo, a favela é apresentada no espetáculo como comunidade e resistência — um

espaço onde pessoas se ajudam e se juntam em torno de um objetivo comum. Além disso, a obra traz a favela também como uma planta medicinal real, conhecida por suas propriedades cicatrizantes e anti-inflamatórias. Essa escolha resgata saberes ancestrais e provoca uma revisão crítica sobre o significado da palavra. “Muitos não têm conhecimento da origem da palavra ‘favela’, e o espetáculo traz essa história à tona a partir da relação entre o Nordeste, a Baixada Fluminense e a jornada dessa menina em busca da cura”, explica Gomes.

O espetáculo aborda questões como o racismo ambiental e os impactos das desigualdades sociais nas periferias. Para o ator Le Felipe, que integra o elenco, a obra nasce de experiências concretas do território: “Todos os temas abordados na peça têm relação direta com a vivência desse lugar. Existe um racismo ambiental que a gente enfrenta todos os anos, com enchentes cada vez mais intensas atingindo principalmente as áreas mais vulneráveis. O espetáculo fala dessa realidade, da nossa relação com a natureza e com o lugar onde vivemos.”

SERVIÇO

SERTÃO URBANO

Teatro Municipal Ruth de Souza (Rua Murinho Nobre, 169 – Santa Teresa - Parque Glória Maria)
Até 26/4, sábados e domingos (11h)
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)



'Super Mario Galaxy', produzido pela Illumination, tem tudo para cruzar a marca do bilhão

Agora, ninguém mais perguntará 'Que Mario?'

Novo filme de animação do bombeiro hidráulico revelado há quatro décadas em jogos da Nintendo tem a maior abertura do ano na venda de ingressos, faturando US\$ 372,4 milhões

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Numa fase em que a animação vem encabeçando o pódio das maiores receitas do cinema, "Super Mario Galaxy: O Filme" deitou e rolou no feriadão da Semana Santa e fechou a Páscoa com a maior bilheteria de estreia de 2026, até agora: US\$ 372,4 milhões. Estima-se que a volta do bombeiro hidráulico nascido nos videogames da desenvolvedora de jogos Nintendo supere a arrecadação de seu longa-metragem anterior, que estreou, em 2023, com uma renda de US\$ 377,2 milhões e finalizou sua carreira em circuito com US\$ 1,3 bilhão.

A recepção calorosa se deve à excelência dramática do estúdio Illumination. Para a empresa

que inventou Gru e os Minions, no sucesso "Meu Malvado Favorito" (2010), o investimento nas aventuras de Mario e seu irmão, Luigi, é a mina de ouro do momento, visto que, com a gradual falência de títulos baseados em super-heróis de HQs, registrada de 2022 para cá, os jogos eletrônicos se tornaram a maior diversão... e o maior faturamento... de Hollywood. Não por acaso, pipocam bonecos e camisetas dos Manos Mario à venda por todo lado, em lojas físicas e em magazines virtuais, tipo a Amazon, além de haver quinquilharias desses personagens no McDonalds.

A maré virou em prol das produções inspiradas em games populares, sobretudo depois de "Minecraft, O Filme" (2025) ter faturado quase US\$ 1 bilhão, impulsionada pelo carisma do ator Jack Black, num papel principal. Não por acaso, ele volta a inter-

pretar (só com a voz) o monstro imperialista Bowser em "Super Mario Galaxy: O Filme", assegurando momentos de humor rasgado.

Encarnados por Chris Pratt e Charlie Day nos EUA, dublados por Raphael Rossatto e Manolo Rey por aqui, Mario e Luigi visitam uma vez mais o Reino dos Cogumelos, de onde a Princesa Peach (Any Taylor-Joy) zarpa atrás de uma possível parente perdida, a Princesa Rosalinda. Uma tartaruga falante das trevas, Júnior (vivido pelo cineasta Benny Safdie) raptou essa aristocrata galáctica a fim de sugar seu poder. A ideia desse quelônio, mau feito pica-pau, é usar as forças de Rosalinda para salvar seu pai, o vilão Bowser (papel em que Jack Black se refestela). O trabalho de Mario é ajudar Peach, por quem nutre um amor indifereçável.

Mario já animou o audio-

visual no passado, numa série que a Globo exibiu no "Xou da Xuxa", em 1991, com desenhos que tinham introduções em live action. Nelas, o Capitão Lou Albano (1933-2009) encarnava o mecânico de torneiras, tubos e instalações de água. Agora, no cinema, ele abre o dique de uma nova coqueluche. Com o sucateamento gradual das jazidas baseadas em vigilantes da Marvel e da DC, os videogames viraram a maior diversão. Tanto é que em maio, o ferrabrás Karl Urban (o Billy Bruto da série "The Boys") encarnará uma espécie de Jean-Claude Van Damme cheio de marra chamado Johnny Cage em "Mortal Kombat II", sob a produção de James Wan. O premiado Tadanobu Asano é quem interpreta Lorde Raiden, umas das figuras mais populares desse arcade conhecido pela modalidade fatality, golpe de esquartejamento dos derrotados.

No dia 15 de outubro deste ano, uma versão em carne e osso do fliperama "Street Fighter", filmada por Kitao Sakurai (da série Twisted Metal), com as personagens que confinaram gerações de nerds aos joysticks, promete lotar circuitos. O já citado Jason Mo-

moa foi incumbido de interpretar o guerreiro capoeirista do Brasil, Blanka, que virou um monstro graças às maquinações do ditador M. Bison, o vilão nº1 do fliper, vivido por David Dastmalchian. Coube ao artista marcial e ator Andrew Koji ("Trem-Bala") interpretar Ryu, o queridinho do povão, com seu superpoder singular: a descarga de energia Hadouken. Igualmente disputada nos arcades, a combatente Chun-Li foi confiada à atriz Callina Liang. Noah Centineo dará vida a Ken, melhor amigo de Ryu e seu parceiro de combate. Completam a trupe Mel Jarson (no papel de Cammy), Roman Reigns (como Akuma), Cody Rhodes (como Guile), 50 Cent (no papel do boxeador Balrog), Hirooki Goto (como Honda), Vidyut Jammwal (como Dhalsim) e Orville Peck (como Vega).

Não restam dúvidas de que, diante da demanda de Hollywood, um "Minecraft II" já está no forno. Em 2027 estreia um quarto capítulo da saga "Sonic" (2020-2024), com Keanu Reeves em seu elenco de vozes.

O pacote videogame que está por vir há de se estender com "Ghost of Tsushima", um épico de Chad Stahelski, o realizador da milionária franquia John Wick, com base no jogo homônimo de Playstation. Na trama, o guerreiro samurai Jin Sakai, o último membro sobrevivente de seu clã, deve deixar de lado as tradições que o moldaram como guerreiro para travar uma guerra não convencional pela liberdade de sua pátria.



Alvin L foi um dos compositores mais prolíficos do pop rock nacional, mas suas composições não se prendiam a estilos musicais

Alvin L

morre aos 67 anos

Artista compôs mais de 200, entre elas sucessos gravados por Marina Lima e pelo Capital Inicial

AFFONSO NUNES

Alvin L, compositor de mais de 200 canções para Marina Lima, Capital Inicial e outros artistas, morreu na madrugada de domingo (5), aos 67 anos, vítima de ataque cardíaco enquanto dormia. Seu corpo foi cremado nesta segunda à tarde no Memorial do Carmo, no Caju.

Baiano de Salvador, Arnaldo José Lima Santos, o Alvin L, foi um dos mais prolíficos compositores da música brasileira com canções gravadas por nomes como Marina Lima, Capital Inicial, Milton Nascimento, Sandy & Junior, Leila Pinheiro, Toni Platão e Ana Carolina.

A carreira de Alvin L começou no final dos anos 1970 como guitarrista da banda punk Vândalos. Nos anos 1980, formou os Rapazes de Vida Fácil, grupo influenciado pelo new wave que lançou um compacto em 1982 pela PolyGram, com destaque para “Adriana na Piscina”. Mais tarde, exploraria experimentalismos sonoros com o Brasil Palace, além de fundar o Sex Beatles, banda formada em 1990 que lançou dois discos pelo selo Rock It, de Dado Villa-Lobos (Legião Urbana): “Automóvel” e “Mondo Passional”.

A formação dos Sex Beatles incluía, além de Alvin L na guitarra, a vocalista Cris Braun, o guitarrista Ivan Mariz, o baixista Vicente Tardin e o baterista Marcelo Martins. Dado chegou a colaborar com o grupo em apresentações ao vivo.

Porém, foi na composição que Alvin L deixou sua marca mais profunda na música brasileira. “Não Sei Dançar”, gravada por Marina Lima em 1991, tornou-se sua canção mais conhecida. Além dessa, Marina Lima registrou outras três composições suas: “Stromboli”, “Deve Ser Assim” e “Na Minha Mão”. Com a Capital Inicial, Alvin L assinou sucessos como “Natasha”, “Mickey Mouse em Moscou”, “Todos os Lados”, “Eu Vou Estar” e “Tudo que Vai” — esta último

“*Nem sei o que dizer. Meu amigo. Único. Genial. Muito triste. Voa para a eternidade, Alvin*”

MARINA LIMA

Quantas histórias que vivemos viraram músicas né, meu doce príncipe? Passa um filme agora na minha cabeça ainda zonha de ficha que não caiu... Não tô conseguindo dizer mais nada

CRIS BRAUN

Amamos esse cara

HUMBERTO EFFE

também gravado por Toni Platão.

Extremamente bem-humorado, Alvin gostava de contar histórias e uma das mais divertidas era sobre o dinheiro que começou a ganhar quando começou a fazer dinheiro como compositor, principalmente após o sucesso de “Eu Não Sei Dançar”. “Eu comecei a ganhar dinheiro e, cara, meus dentes estavam um caco! Eu ganhei tanto dinheiro, assim, o tanto de

dinheiro que eu ganhei na época, nos primeiros seis meses, um ano de ‘Eu Não Sei Dançar’, (aponta para os dentes) está aqui (risos). Eu tava ganhando dinheiro com o Capital, mas dentista é uma coisa muito cara! E eu tava em petição de... minha boca era a Bósnia, eu passei seis meses da minha vida indo três vezes por semana ao dentista. Com o dinheiro de ‘Eu Não Sei Dançar’. Na verdade, quem ganhou o di-

nheiro com ela foi meu dentista!”, disse, entre gargalhadas, em entrevista ao portal Parativa.

Leila Pinheiro registrou três músicas suas no álbum “Na Ponta da Língua”. Belô Velloso gravou “Menos Carnaval”, e Ana Carolina interpretou “Perder Tempo com Você”. A discografia de Alvin L como compositor ultrapassa 200 canções publicadas, e sua verve criativa não se prendia a estilos musicais.

Seu único disco solo, intitulado “Alvin”, foi lançado em 1997 pela BMG com produção de Liminha, produtor que havia trabalhado com nomes como Gilberto Gil e Caetano Veloso. O álbum surgiu após uma aproximação maior com Marina Lima, que se tornaria uma de suas principais intérpretes. Em 2020, Alvin L lançou o livro de suspense “O Veneno dos Pequenos Detalhes”, incursionando pela literatura.

Amigos e colegas prestaram diversas homenagens. “Nem sei o que dizer. Meu amigo. Único. Genial. Muito triste. Voa para a eternidade, Alvin”, postou Marina Lima em suas redes. Ivan Mariz, companheiro de Sex Beatles, afirmou que estava “sem chão”. “Quantas histórias que vivemos viraram músicas né, meu doce príncipe? Passa um filme agora na minha cabeça ainda zonha de ficha que não caiu... Não tô conseguindo dizer mais nada”, postou Cris Braun nas redes sociais. Humberto Effe, vocalista do Picassos Falsos e parceiro frequente de Alvi, resumiu numa frase o quanto Alvin era querido: “amamos esse cara”.